

CONTRANARRATIVA EM DIDÁTICA: design ativismo em prática

COUNTER-NARRATIVE IN DIDACTIC: design activism in practice

PRADO, Gheysa Caroline; Doutora; Universidade Federal do Paraná;

gheysa.prado@ufpr.br

RONSONI, Vinicius da Silva; Mestrando; Universidade Federal do Paraná;

ronsoni.vini3@gmail.com

Resumo

O presente artigo relata a experiência didática na disciplina “Temas Emergentes em Design – Design Ativismo”, ministrada presencialmente no segundo semestre letivo de 2023 junto às(os) discentes dos cursos de Design de Produto e de Artes Visuais da Universidade Federal do Paraná. Neste ano, buscamos expandir as discussões e as atividades das ofertas anteriores, realizadas em formato remoto, nos anos de 2020 e 2021. Inicialmente, abordamos uma conceitualização de design ativismo, fundamentada no referencial teórico da disciplina, e introduzimos noções sobre educação emancipadora. Descrevemos a abordagem metodológica/pedagógica a partir das etapas e atividades propostas estruturadas em três fases: Aproximações, Explorações e Proposições. Ao final, apresentamos os resultados dos projetos finais desenvolvidos pelas(os) discentes, discutindo-os à luz do referencial teórico adotado. Refletimos sobre a aplicação de abordagens pedagógicas no ensino de design que envolvam práticas ativistas e que proponham melhores alternativas ao status quo.

Palavras-Chave: design ativismo; educação emancipadora; ensino-aprendizagem.

Abstract

The present article reports a teaching experience in the discipline “Temas Emergentes no Design – Design Ativismo,” conducted in person during the second academic semester of 2023 with students from the Product Design and Visual Arts programs at Federal University of Paraná. This year, we aimed to expand the discussions and activities from previous offerings, which were conducted remotely in 2020 and 2021. Initially, we addressed a conceptualization of design activism, grounded in the theoretical framework of the course, and introduced notions of emancipatory education. We describe the methodological/pedagogical approach through the proposed stages and activities, structured into three phases: Approximations, Explorations, and Propositions. Finally, we present the results of the final projects developed by the students, discussing them in light of the adopted theoretical framework. We reflect on the application of pedagogical approaches in design education that involve activist practices and propose better alternatives to the status quo.

Keywords: design activism; emancipatory education; teaching-learning.

1 Introdução

Paulo Freire (2001), no livro *Política e Educação*, chama atenção para uma questão pertinente no que concerne à compreensão dos limites da prática educativa. Segundo o autor, somente a partir da politicidade por parte docente, ou seja, do entendimento que sua prática é política, se faz possível compreender o local onde a educadora ou educador se insere para tomar posição junto a uma educação progressista. Trazendo tal reflexão para o âmbito do ensino de design, e alinhados com o pensamento de Mazarotto e Serpa (2022), entendemos que é preciso pensar o design enquanto uma prática não neutra e que participa das relações de opressão e resistência. Essa visão nos possibilita trabalhar com processos de ensino-aprendizagem que instiguem projetos para formas mais justas de ser e estar no mundo. A formação de designers mais conscientes de seu papel passa, então, por uma abordagem pedagógica que busque construir mutuamente a criticidade no pensar e na prática.

Neste sentido, o presente artigo tem por objetivo apresentar, por meio de um relato de experiência, o desenvolvimento e os resultados da disciplina optativa *Temas Emergentes em Design – Design Ativismo*, ofertada no segundo semestre de 2023 para discentes dos cursos de graduação em Design da Universidade Federal do Paraná. Ainda, buscaremos discutir o desenvolvimento e resultados da disciplina, considerando as bases teóricas em design ativismo e educação emancipadora. Cabe ressaltar que este artigo é, também, um desdobramento das atividades desenvolvidas nas edições anteriores da disciplina, ocorridas em 2020 e 2021, em formato online (remoto emergencial) devido à pandemia da COVID-19. Tais atividades foram relatadas no artigo “Ensino e prática de design ativismo com estudantes de bacharelado” (Prado, 2022). Nesta última edição, as aulas ocorreram em formato presencial, o que demandou uma atualização das abordagens pedagógicas adotadas.

A disciplina em questão trata em sua ementa do estudo e evolução do design ativismo, tipologia e classificação das técnicas e estratégias utilizadas ao longo do tempo e na contemporaneidade. Além da investigação de iniciativas de design ativismo existentes e a proposição, pelas equipes, de uma estratégia teórico-prática voltada a diferentes áreas de interesse social. Dessa forma, o desenvolvimento das aulas tinha por objetivo capacitar a(o) discente no reconhecimento, identificação e proposição de estratégias de design ativismo voltado a áreas de interesse social. Para tanto, foram realizadas abordagens didáticas diversas, envolvendo a leitura, fichamento e discussão de textos relativos à temática, de modo a promover a reflexão crítica junto às(aos) discentes. Também, foram propostas atividades práticas e de campo, a partir da observação e identificação de táticas de design ativismo, além da elaboração de um projeto voltado a proposição de estratégias ativistas no design.

No que tange ao design ativismo, tal conceito é entendido, a partir do pensamento de Prado (2021), Fuad-Luke (2009) e Thorpe (2012), como uma prática de design que visa articular formas de superar as dificuldades geradas pela lógica capitalista, propondo contranarrativas que possam produzir interrupções no status quo. Uma postura ativista no design, procura não apenas se opor de alguma forma ao sistema dominante e opressor, mas também propor formas para promover mudanças significativas. Tal posição por parte da(o) designer implica, em alguma medida, na sua politização, uma vez que a tomada de consciência das capacidades do seu fazer e daquilo que ela(e) produz permite evitar a reprodução do paradigma de dominação. Assim, com este artigo, buscamos refletir sobre como o desenvolvimento de pedagogias críticas em design podem, em alguma medida, impactar na formação de profissionais mais socialmente atentos e responsáveis.

Na seção a seguir, apresentaremos o referencial teórico sobre design ativismo, advindo

principalmente dos textos trabalhados na disciplina que foram Thorpe (2012); Fuad-Luke (2009); e Cardoso (2012). Após, apresentamos algumas concepções sobre a educação como vetor emancipatório, a partir das concepções de Mazzarotto e Serpa (2022), Freire (1987) e hooks (2013). Na seção seguinte, explicitaremos com mais detalhes a abordagem metodológica/pedagógica da disciplina, as etapas e atividades que foram desenvolvidas em seu decorrer. Na sequência, abordaremos os resultados da disciplina, por meio dos projetos desenvolvidos, bem como uma discussão sobre o que foi desenvolvido ao longo das aulas. Ao final, abordamos algumas considerações sobre o processo, suas limitações, lacunas a serem exploradas e nossa reflexão sobre processos de ensino-aprendizagem em design que tragam para diálogo práticas ativistas no design.

2 Design Ativismo em um Mundo Complexo

Inserido no contexto contemporâneo, o design, enquanto profissão e disciplina, é atravessado não somente por uma gama de outras áreas dentro e fora de seu campo de atuação, mas também por desafios e situações que perpassam a sociedade (Moura, 2018). No capítulo introdutório do livro “Design para um mundo complexo”, Rafael Cardoso (2012), nos apresenta seu argumento sobre os processos de design em um mundo globalizado a partir do conceito de complexidade, uma trama de relações interligadas sem contornos ou bordas aparentes. A respeito de tal conceito, o autor discorre: “Por “complexidade”, entende-se aqui um sistema composto de muitos elementos, camadas e estruturas, cujas inter-relações condicionam e redefinem continuamente o funcionamento do todo.” (Cardoso, 2012, p. 12).

Este emaranhado abordado pelo autor estrutura-se de tal forma que redes de informações e seu processamento tornam-se cada vez mais eficientes, e questões consideradas simples se mostram cada vez mais complexas do que é possível imaginar (Cardoso, 2012). Cardoso argumenta que ignorar tais fatos ou posicionar-se de modo reativo a eles apenas mina qualquer possibilidade de mudança na estrutura. É neste ponto que as confluências com as concepções de design ativismo ocorrem. De acordo com Prado (2021, p. 61), o design ativismo “evoca práticas comuns de um grupo direcionado à uma área de atuação e campo de conhecimento” ao agir onde a lógica capitalista falha, contestar o status quo e propor formas de participação política da sociedade nas esferas de decisão pública.

Fuad-Luke (2009), ao procurar desenvolver uma revisão de posições ativistas na prática projetual ao longo da história do design no norte global entre os séculos XIX e XX, aponta como tais posicionamentos estavam, em sua maioria, voltados para questões internas do campo, ao invés de preocuparem-se com causas sociais locais ou globais. A posição do autor é clara ao indicar que designers devem trabalhar de forma conjunta com outras entidades e/ou indivíduos em causas que procuram beneficiar a comunidade como um todo. Tem-se aqui a necessidade de, ao tratarmos de questões complexas que permeiam as sociedades por meio de uma posição ativista no design, tomarmos como direcionamento não o protagonismo destas ações, mas sim parte de uma comunidade de ações direcionadas ao bem-estar social.

Cardoso e Thorpe oferecem uma linha de pensamento que ajuda a corroborar tal ponto. Segundo Cardoso (2012, p. 11), no mundo complexo em que vivemos é necessário que haja uma prática profissional que faça parte de uma rede, evitando que a(o) profissional trabalhe de forma isolada, como frequentemente ocorre. De forma similar, Ann Thorpe (2012), ao elaborar suas proposições sobre táticas ativistas no design, aponta que compreender tais processos oferece a designers a possibilidade de fazer parcerias e atingir objetivos que vão além do escopo usual de um projeto. Dessa forma, ao compreendermos o próprio papel social que designers possuem nas

comunidades onde se inserem, abrem-se possibilidades de ações que participem ativamente de movimentos mais amplos por mudanças.

Neste sentido, é importante pontuarmos algumas das concepções que Thorpe (2012) elabora a respeito de táticas para mudança, dentro dos escopos do ativismo no design, uma vez que tais orientações foram utilizadas no decorrer da disciplina e desenvolvimento dos trabalhos. A referida autora, ao analisar ações voltadas ao ativismo tanto no design quanto em movimentos sociais, oferece profícuos subsídios para pensar não o que a campanha ou o design podem fazer, mas sim o que as pessoas que estão inseridas nessas ações conseguem promover. Em vista disso, ao promoverem campanhas em que são implementadas diversas estratégias, os sujeitos envolvidos realizam uma ampla gama de táticas para que mudanças possam ocorrer. As táticas ativistas no design que a autora propõe encontram-se descritas no quadro abaixo.

Quadro 1 – Táticas ativistas do design

Tática	Descrição
Artefato de protesto	estrutura de protesto, produto, espaço, local, plano, frequentemente de oposição, artefatos ofensivos ou confrontacionais que levam à reflexão do <i>status quo</i>
Artefato de serviço	estrutura de serviço, sistema, produto, espaço: ajuda humanitária a vítimas de guerras, desastres, pobreza ou mesmo de seu ambiente (ex.: pessoas com deficiência)
Artefato de demonstração	estrutura de demonstração, sistema, produto, espaço: oferece uma alternativa melhor ao <i>status quo</i> , normalmente de forma positiva (mesmo que ainda não acabada)
Comunicação	produção de informação visual ou tática, criando símbolos: um esforço em preservar ou expandir símbolos que signifiquem ou representem algo por associação
Conexão	conexões como corredores, portões, pontes, vitrines: tentativas de reparar, restaurar, significar ou enriquecer condições ambientais ou sociais
Sistema de classificação	critérios e esquemas de classificação: inclui sistemas estruturados de classificação estabelecendo métricas: o projeto atende aos critérios?
Competição	competições que abrem para propostas ou trabalhos prontos ofertando premiações
Exibição	exibições, galerias e museus, instalações em locais específicos
Pesquisa e crítica	pesquisa em design, críticas, polêmicas, manifestos: o processo de usar resultados de pesquisas ou pensamentos críticos como evidência ou base para mudanças
Evento	conferências, aulas, seminários, oficinas
Convencional	desenho de políticas, testemunhos, financiamento coletivo, livros, publicações, programas de TV, filmes
Troca social	links entre pessoas, co-design: esforços em fazer conexões sociais, criando tecido social, articulando relações específicas

Fonte: Thorpe (2012), traduzido por Prado (2022)

As táticas apresentadas por Thorpe (2012) possibilitam que haja uma estrutura de conhecimento estável para agir em situações, promovendo também a integração entre os atores sociais envolvidos. Isso facilita a forma como designers ativistas se comunicam com as(os) demais participantes do processo (Thorpe, 2012). Nesse sentido, é importante ressaltar o contributo específico advindo do design ativismo, uma vez que, como argumenta a autora, o que diferencia o design ativismo de outras ações convencionais de ativismo, é seu caráter propositivo. Embora algumas das categorias apontadas no quadro acima possam gerar atos de oposição, muitas delas

voltam-se para a produção de proposições de formas melhores ao status quo. Indo além do estabelecimento de uma contranarrativa ao sistema opressor vigente (Fuad-Luke, 2009), e produzindo possibilidades mais justas de ser e estar mundo.

A respeito desse último ponto, há a necessidade de fazermos uma ressalva. Diferentemente do que propõe Cardoso (2012), onde ações de design em equipe/redes de atuação produziram melhores soluções à estrutura social atual, alinhamo-nos ao pensamento de Thorpe (2012), que defende que a atuação socialmente responsável de designers não deve buscar por soluções, mas sim alternativas melhores ao status quo. Nesta mesma direção, apoiamo-nos no pensamento de Dubberly (2019) que propõe evitar um viés solucionista na prática do design, argumentando também pela proposição de alternativas, e “manter conversas produtivas” em um cenário complexo, encontrando outras formas de agir em conjunto com a sociedade. Em suma, propondo outras possibilidades de mundo para o bem-estar social. Na seção a seguir, abordaremos algumas concepções sobre educação emancipadora, de forma a colocá-las em diálogo posteriormente com os resultados da disciplina.

3 A Sala de Aula como Lugar de Possibilidades: Educação e Emancipação

Ao abordarmos questões em sala que envolvem uma posição ativista no design, compreendemos que é necessário tratarmos, pelo menos em algum nível, de aspectos referentes a uma educação emancipadora, visando gerar faíscas para que tal emancipação de discentes e docentes ocorra dentro e fora do ambiente educacional. Reconhecemos que, inseridos em um contexto neoliberal, a prática projetual ativista ainda pode acabar por reproduzir o paradigma dominante, mesmo que seja voltada para áreas de interesse social e bem comum. Mazzarotto e Serpa (2022), explicitam que tanto os processos quanto os produtos de design possuem uma dimensão política, podendo servir como elemento de repressão ou atuar em sua superação. Nesse sentido, ao pensarmos um ensino de design que busque por uma superação de relações opressivas de poder e que ofereçam a possibilidade de novos e melhores cenários surgirem, é latente a necessidade de construirmos junto aos discentes a criticidade e emancipação na prática e na reflexão sobre design.

Concordamos com Santos e Maass (2022, p. 9), que afirmam que os processos educativos “não devem buscar a conformação do sujeito”, uma vez que há espaço para “transgressão e liberdade na perspectiva do design e da educação”. Compreender e assumir a própria politicidade da educação, corresponde a uma tomada de posição, tanto na prática quanto na reflexão sobre o que fazemos, para quem e por qual razão. Como expõem Mazzarotto e Serpa (2022), em diálogo com Freire, uma pedagogia crítica implica em um processo de tomada de consciência, onde constrói-se um entendimento acerca dos aparatos de opressão que existem em nós e no outro, permitindo que possamos nos posicionar na desconstrução das relações de opressão.

Uma educação libertadora pressupõe a participação ativa de ambos os lados, educadores e educandas(os), na constituição conjunta da consciência crítica e do conhecimento no contexto sociopolítico em que todas se encontram (Mazzarotto e Serpa, 2022). Nesse sentido, o processo dialógico se faz latente. Freire (1987, p. 50) aponta que, uma vez que o mundo é pronunciado, “se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar”. Ao estabelecermos um diálogo horizontal dentro dos ambientes educacionais, construímos junto das(os) educandas(os) o pensamento crítico em torno da realidade em que estamos inseridas(os).

Compreendemos, a partir de hooks (2013), que a educação como prática de liberdade, implica também em um convite para que a(o) discente possa partilhar suas vivências, colocar suas perspectivas em diálogo e tomar posição, o que também implica na aceitação ou não da orientação por parte das(os) educandas. Esse assumir de responsabilidades por parte discente, pode levar ao que Freire (1987) propõe como “pensar crítico”, ou seja, o pensar que “não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade.” (Freire, 1987, p. 53). Dessa forma, educandas(os) e educadoras(es), ao instituírem um ambiente onde a dialogicidade seja possível, possibilitam que a práxis¹ possa ocorrer, de modo a escrutinar e desconstruir relações de opressão e construir formas mais justas de relação nas realidades em que habitam.

Além disso, cabe pontuarmos que, assim como propõem hooks (2013) e Freire (1987), para que tal ambiente seja possível, é necessário que haja por parte docente o compromisso ativo com sua a autoatualização e a organização de um conteúdo programático capaz de proporcionar que a revolução seja incorporada às(aos) estudantes de forma organizada e sistematizada. Entender, como aponta Freire (1996 p.22) “que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”. Assim, como educadoras(es), ao construirmos junto e a partir das visões de mundo que estão presentes nas vivências cotidianas das(os) discentes, podemos organizar formas para que a ação e reflexão ocorram nos diálogos dentro e fora de sala de aula. Em vista disso, entendemos que ao tomarmos partido na prática educacional, politizando nossas ações, assim como Freire (1996), com viés progressista, e construindo junto a discentes um ambiente dialógico, temos a possibilidade de tornar o ambiente educacional um campo de possibilidades onde a emancipação possa ocorrer.

4 **Sistematizar a Mudança: Abordagem Metodológica e Pedagógica**

O relato de experiência didática que apresentamos no presente trabalho trata das atividades desenvolvidas na disciplina optativa Temas Emergentes em Design – Design Ativismo, ofertada em regime semestral de 30 horas às(aos) discentes dos cursos de graduação em Design (Design de Produto e Design Gráfico), bem como a discentes de outros cursos da Universidade Federal do Paraná. A carga horária foi distribuída ao longo de 15 semanas de duração ao longo do segundo semestre letivo de 2023, com atividades majoritariamente presenciais e alguns encontros virtuais síncronos para orientação de atividades, além de entregas dos discentes com a utilização de sistemas online. Essa foi a terceira edição de oferta desta disciplina, a primeira em formato presencial, já que as duas anteriores foram ofertadas na modalidade remota emergencial nos anos de 2021 e 2022 em função da pandemia da COVID-19. Nesta oferta, a disciplina foi ministrada por duas docentes, sendo uma docente permanente do curso e um mestrando realizando estágio de docência.

Com o objetivo geral de “reconhecer, identificar e propor estratégias de design ativismo com foco em áreas de interesse social”, procuramos trabalhar através de múltiplas estratégias de ensino-aprendizagem ao longo de sua decorrência. Assim, a abordagem teórico-crítica da disciplina se deu por meio da leitura, fichamento e discussão de textos, através das referências: Thorpe, 2012; Cardoso, 2012; Fuad-Luke, 2009. Em relação às atividades de identificação das estratégias em design

¹ A noção de práxis neste estudo alinha-se ao pensamento de Freire, entendendo-a como a relação que se estabelece entre a ação e a reflexão, “em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se resente, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo.” (Freire, 1987, p.50). Ou seja, a união entre a prática e a teoria, envolvendo um compromisso com a transformação social.

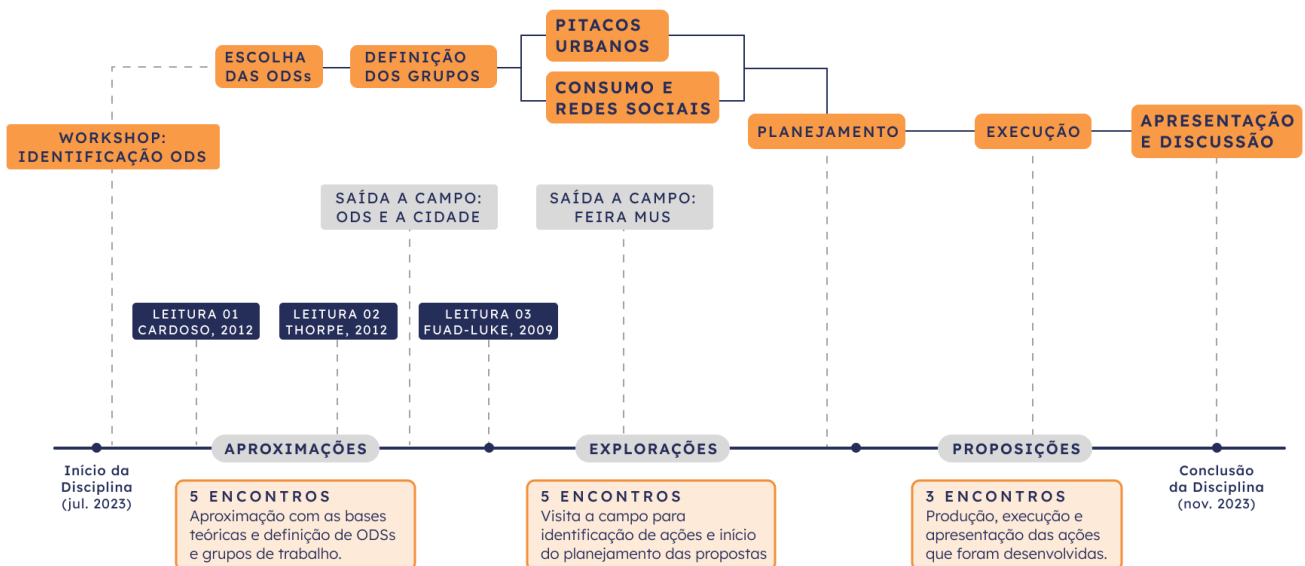
ativismo com base nas categorias propostas por Thorpe (2012), as(os) discentes foram direcionadas(os) para a realização de explorações de estratégias em eventos e locais da cidade de Curitiba (PR), bem como a busca por referências que auxiliassem no processo de desenvolvimento posterior de suas próprias estratégias. Em relação a este último, tal atividade estava ligada ao projeto final da disciplina, que consistiu na proposta das(os) discentes desenvolverem proposições de uma ação de design ativismo.

Procurando estimular que as(os) discentes refletissem sobre áreas de interesse social com as quais se identificam e cujos desvios reverberam de alguma maneira em suas vidas, utilizamos como base os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) definidos pela Organização das Nações Unidas (2015). Diferentemente das outras edições da disciplina, mas com base nelas, nesta edição optamos pela predefinição de alguns eixos para discussão já na primeira aula e, dentre os 17 ODS, preparamos materiais sobre três deles, a saber: 05. Igualdade de Gênero; 11. Cidades e Comunidades Sustentáveis; e 12. Consumo e Produção Responsáveis. No decorrer da disciplina, apenas os eixos 11 e 12 foram trabalhados.

Tendo essas noções em vista, na figura 1 abaixo, apresentamos em uma Representação Gráfica de Síntese a relação do desenvolvimento da disciplina e das ações realizadas. Tal representação foi organizada em três níveis (de baixo para cima) e distribuídas temporalmente (da esquerda para direita) conforme as fases da disciplina (aproximação, explorações e proposições), com indicação do número de encontros presenciais ocorridos em cada uma delas.

Figura 1 – RGS do desenvolvimento da disciplina

Relação do Desenvolvimento da Disciplina e Ações Realizadas



Fonte: as autoras (2024)

Na primeira fase da disciplina, apresentada como “aproximações”, buscamos desenvolver junto às(aos) discentes a construção de uma visão crítica a respeito do tema/conceito “design ativismo”, abordando suas origens, tipologias e características por meio das referências teóricas em design ativismo anteriormente mencionadas. Tais atividades, leitura e discussão, aparecem em azul na representação acima.

Em paralelo, foram desenvolvidas ações para que as(os) estudantes se aproximassem dos ODS elencados e se reconhecessem neles, para estudo na disciplina. Já no primeiro encontro, isso foi feito por meio de um workshop que culminou na elaboração colaborativa entre as(os) discentes de Representações Gráficas de Síntese sobre os ODS predefinidos, buscando identificar seus saberes prévios sobre os temas e a definição dos grupos com base nos interesses temáticos. Esse exercício inicial, consideramos como parte do desenvolvimento do projeto teórico-prático, representado em laranja, proposto na disciplina.

Além disso, na transição entre as fases de "aproximações" e "explorações", foi realizada uma saída a campo, representada em cinza, onde os grupos deveriam registrar ações e/ou intervenções ativistas encontradas no ambiente urbano, classificando-as conforme o ODS, por meio de um mural colaborativo de imagens, e discutindo-as em sala. A ferramenta utilizada para o mural foi o Padlet.

A segunda fase da disciplina, nomeada como "explorações", caracterizou-se pela busca de ações ativistas já mais estruturadas e relacionadas com o tema específico do ODS selecionado pelo grupo. Essa exploração visou ampliar o repertório dos estudantes sobre novas formas de ser e estar no mundo propostas por coletivos, comunidades, entidades etc. Além da pesquisa de referências, foi realizada uma nova saída a campo, com a visitação à Feira MUS², e posterior classificação das ações observadas no evento com base nas categorias desenvolvidas por Thorpe (2012).

Simultaneamente, seguimos no processo de desenvolvimento das atividades para a proposição teórico-prática de design ativismo sugerindo que as(os) estudantes utilizassem um roteiro de planejamento previamente estabelecido e já utilizado nas edições anteriores da disciplina. A ferramenta em questão, ilustrada na figura 2 a seguir, foi estruturada pensando qual Eixo (ODS) estaria sendo abordado, as(os) integrantes de cada grupo, a atividade a ser realizada por cada pessoa, os recursos necessários e o meio (plataforma) pelo qual a ação seria divulgada. Esse processo de planejamento das ações se deu principalmente em sala de aula, sendo complementado por assessorias virtuais com cada grupo.

² A Feira de Mobilidade Urbana Sustentável (Feira MUS), é um evento que aborda questões de mobilidade e sustentabilidade, além de promover o encontro de pessoas e coletivos voltados para estes temas. A feira é realizada anualmente na cidade de Curitiba (PR). Sua segunda edição ocorreu no ano de 2023, com o objetivo de unir pautas do ativismo ambiental, mobilidade e acessibilidade, promovendo a sustentabilidade no transporte urbano. Disponível em: <<https://jornalcomunicacao.ufpr.br/comeca-a-feira-mus-23-evento-gratuito-promove-a-mobilidade-urbana-sustentavel/>> (2023). Acesso em: 20 mai. 2024.

Figura 2 – Roteiro para planejamento de ações

ITEM	INFORMAÇÃO	CHAVE PARA O PLANEJAMENTO
	Equipe:	
	Representante:	
	Eixo:	Escolher 1 eixo entre os ODS para a disciplina
	Tática:	
	Ação:	Definir a ação que será realizada pela equipe.
	Atividades a serem realizadas e responsáveis:	Listar atividades a serem realizadas e indicar a(s) pessoa(s) responsável(eis).
	Recursos a serem desenvolvidos:	Definir recurso a ser desenvolvido (imagem, texto, video, outro).
	Cronograma:	Indicar prazos para realização dos recursos e finalização das ações
	Plataforma de difusão da ação:	Indicar a(s) plataforma(s) em que a ação será divulgada

Fonte: Prado (2022)

Na fase “proposições”, etapa final da disciplina, as(os) discentes ficaram responsáveis pelo desenvolvimento e execução das ações em design ativismo, tendo por base o ODS escolhido por cada grupo. O planejamento e elaboração das proposições foram realizados dentro e fora da sala de aula, com base nas pesquisas, discussões e reflexões em sala e utilizando o roteiro de planejamento explicitado. De modo a direcionar as produções, foram estabelecidos 4 requisitos que deveriam constar nas apresentações e seriam posteriormente avaliados:

- a) Fotos e/ou vídeos do registro da ação;
- b) RGS/Mapa do processo de desenvolvimento;
- c) Explicitação das táticas ativistas escolhidas e como foram usadas (com base em Thorpe (2012));
- d) Considerações da equipe sobre o processo.

Ao final das apresentações, foi realizada uma roda de conversa sobre as ações propostas por cada grupo, o decorrer da disciplina e o papel do design em áreas de interesse social. Na seção a seguir, abordaremos os resultados da disciplina através das propostas de design ativismo desenvolvidas pela turma.

5 Pequenas Ações em Realidades Locais: Resultados e Discussão

Conforme já mencionado, a realização da disciplina Design Ativismo se deu em uma oferta de disciplina eletiva semestral, entre os meses de julho e novembro, no 2º semestre de 2023. Mesmo sendo ofertada a discentes de ambos os cursos de graduação em Design da <omitida para revisão cega>, participaram apenas estudantes do curso de Design de Produto, além de uma discente do curso de Artes Visuais da instituição. Como já havia oferta mínima de optativas no turno matutino, horário do curso, optou-se pela oferta da disciplina no contraturno, ou seja, no período da tarde. Isso pode, em alguma medida, explicar porque a turma contou com o número mínimo de matriculados para a oferta, 10 estudantes e, no decorrer da disciplina, por diversos motivos, teve a participação efetiva de 7 estudantes, cerca de metade dos discentes que estiveram presentes nas

edições anteriores da disciplina³. No quadro abaixo (quadro 2), temos a relação dos eixos dos ODS escolhidos pelas equipes nas edições anteriores, 2020 e 2021.

Quadro 2 – Eixos dos ODS escolhidos pelas equipes nos anos 2020 e 2021

Eixo ODS	2020	Táticas adotadas	2021	Táticas adotadas	2023	Táticas adotadas
1. Erradicação da pobreza	1	Convencional	1	Comunicação	-	
4. Educação de qualidade	1	Pesquisa e crítica / Exibição	-		-	
5. Igualdade de gênero	-		1	Comunicação	-	
8. Trabalho decente e crescimento econômico	1	Convencional / Evento	-		-	
11. Cidades e comunidades sustentáveis	-		1	Pesquisa e crítica	1	Artefato de Protesto / Comunicação / Pesquisa e Crítica / Exibição.
12. Consumo e produção responsáveis	1	Comunicação / Exibição / Troca social	2	Convencional / Comunicação	1	Artefato de Protesto / Conexão / Comunicação / Exposição / Troca Social

Fonte: as autoras (2024), adaptado de Prado (2022)

Ao observarmos o comparativo é possível notar a utilização múltipla de táticas de design ativismo dentro das proposições realizadas pelas(os) discentes. Verifica-se também que, em comparação com os anos de 2020 e 2021, a turma de 2023 classificou suas ações em mais de duas categorias. O que poderia ser explicada pela diferença nos formatos entre os anos, uma vez que nos dois primeiros, a disciplina foi realizada de forma online, o que poderia limitar de alguma forma as possibilidades de adoção de diferentes estratégias. Contudo, é necessário pontuarmos que, assim como foi apontado por Prado (2022) ao comparar os anos de 2020 e 2021, também não houve grande variações de uso das táticas no ano de 2023. Nesse caso, inferimos que, por mais que a modalidade presencial possibilitou uma abordagem múltipla de táticas, há ainda nas(os) estudantes um certo receio de experimentar estratégias menos convencionais.

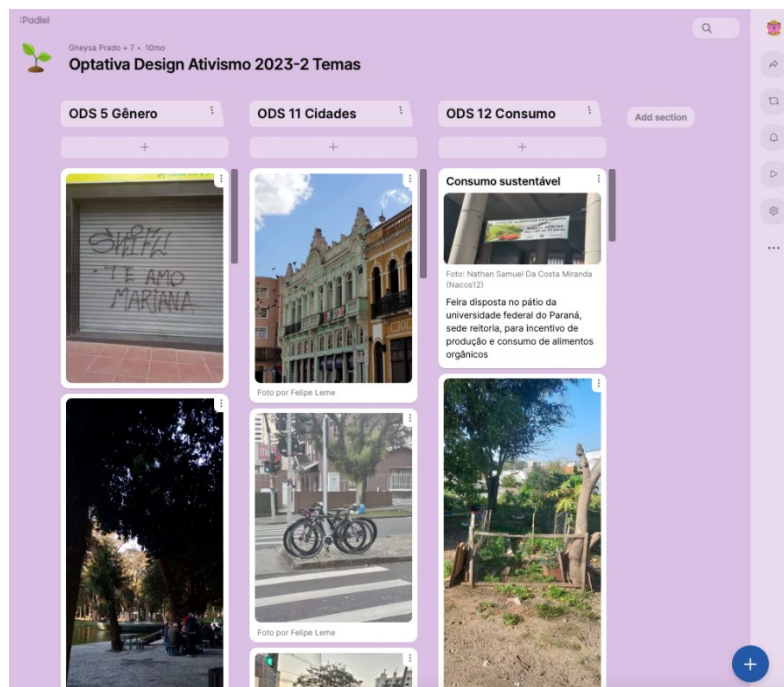
Cabe pontuarmos que, na edição mais recente, tendo em vista a necessidade de suprir as atividades dentro da carga horária da disciplina e por estar sendo ofertada no período contraturno⁴, os eixos dos ODS foram direcionados. Assim, para a execução das atividades, três ODS foram selecionadas por parte docente: 5. Igualdade de Gênero; 11. Cidades e comunidades sustentáveis; e 12. Consumo e produção responsáveis. Os três já haviam sido escolhidos por algum grupo em edições anteriores. E aproximação com o tema foi feita por meio de um workshop em sala e uma saída a campo, com a utilização da ferramenta Padlet para elaboração de um mural colaborativo (figura 3). Posteriormente, os grupos foram formados conforme afinidade com o tema e divididos

³ Nos anos de 2020 e 2021, participaram da disciplina 15 e 14 discentes, respectivamente, divididos em 4 e 5 grupos de trabalho (Prado, 2022).

⁴ As aulas regulares do curso de Design de Produto da instituição ocorrem no período matutino.

em duplas ou trios para que pudessem trabalhar em sua proposta, contudo, no decorrer das aulas, o grupo que abordaria o ODS 5 (Igualdade de Gênero) optou por se integrarem aos outros grupos, resultando em apenas dois grupos de trabalho, focados nas ODS 11 e 12. Ainda, nas edições anteriores, houve a possibilidade de observação das interações e impactos dos projetos desenvolvidos por meio de métricas online (número de curtidas, número de vezes que o podcast foi ouvido etc.) o que não foi possível na edição de 2023.

Figura 3 – Mural colaborativo da turma na ferramenta Padlet



Fonte: as autoras (2022)

Com base nas etapas explicitadas na seção anterior, as propostas de estratégias em design ativismo foram delineadas tendo por base as táticas propostas por Thorpe (2012), e alinhadas ao ODS escolhido pela equipe. A seguir, abordaremos os trabalhos desenvolvidos pelos dois grupos, elencando os principais pontos de delineamento das propostas e seus resultados.

5.1 Pitacos Urbanos

Tendo escolhido o ODS 11. Cidades e comunidades sustentáveis, o primeiro grupo desenvolveu sua proposta de ação com o título “Pitacos Urbanos: sinalizações de vivências urbanas”. A temática escolhida pelas(os) discentes focou no tema da mobilidade urbana, procurando abordar problemas de sinalização e segurança. Notamos que a escolha da temática por parte dos alunos relaciona-se com as vivências pessoais de boa parte do grupo, uma vez que as experiências do uso da bicicleta para mobilidade faziam parte de seu cotidiano, por exemplo.

O grupo, tendo por base as 12 categorias elencadas por Thorpe (2012) que foram explicitadas anteriormente, classificou sua ação em 04 categorias: artefato de protesto; comunicação; pesquisa e crítica; e exibição. Na apresentação final, a equipe explicitou seu processo de desenvolvimento através de uma representação gráfica em formato de linha do tempo, elencando os principais pontos da formulação da proposta (figura 4).

Figura 4 – Processo de desenvolvimento da proposta – grupo Pitacos Urbanos

PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO



Fonte: Leme, Pacheco, Santana, Prazeres (2023)

A partir das escolhas citadas anteriormente, o foco da equipe foi voltado para a insatisfação com problemas do cotidiano, a falta de sinalização, ou a sinalização insuficiente, foi elencada como um problema a ser resolvido. Nesse sentido, o grupo propôs a utilização de sinalização urbana de forma a evitar situações negativas. Para o desenvolvimento da proposta, as(os) integrantes procuraram ampliar o escopo do projeto, identificando outros problemas relativos à mobilidade dos espaços de circulação de pessoas, além de interações positivas que acontecessem no espaço urbano.

Ao realizarem uma pesquisa de referências, procurando explorar produções similares aplicadas em outros contextos, a equipe definiu o uso de placas para sinalização de problemas e interações positivas como artefatos a serem produzidos e aplicados. A partir dessa definição, as(os) integrantes executaram a geração de alternativas e prototipação dos artefatos para colocação nos locais definidos previamente. De forma a viabilizar a produção dos protótipos, as(os) discentes optaram por produzirem em material mais acessível, papel plastificado, de modo a também ser de fácil replicação. Os locais escolhidos para aplicação da sinalização desenvolvida foram os arredores próximos à Universidade, além das rotas que as(os) mesmas(os) utilizam para locomoção.

Na figura 5 abaixo temos os protótipos que foram desenvolvidos e aplicados no contexto urbano. O uso da identidade visual escolhida para composição das peças partiu da observação por parte discente da sinalização de trânsito, uma vez que o propósito era que as placas se “misturassem” ao contexto urbano. Da mesma forma, foram utilizados pictogramas já convencionados por pedestres, ciclistas e motoristas, além do uso reduzido de complementos textuais, de modo a facilitar a identificação e assimilação das informações.

Figura 5 – Protótipos aplicados pelo grupo Pitacos Urbanos



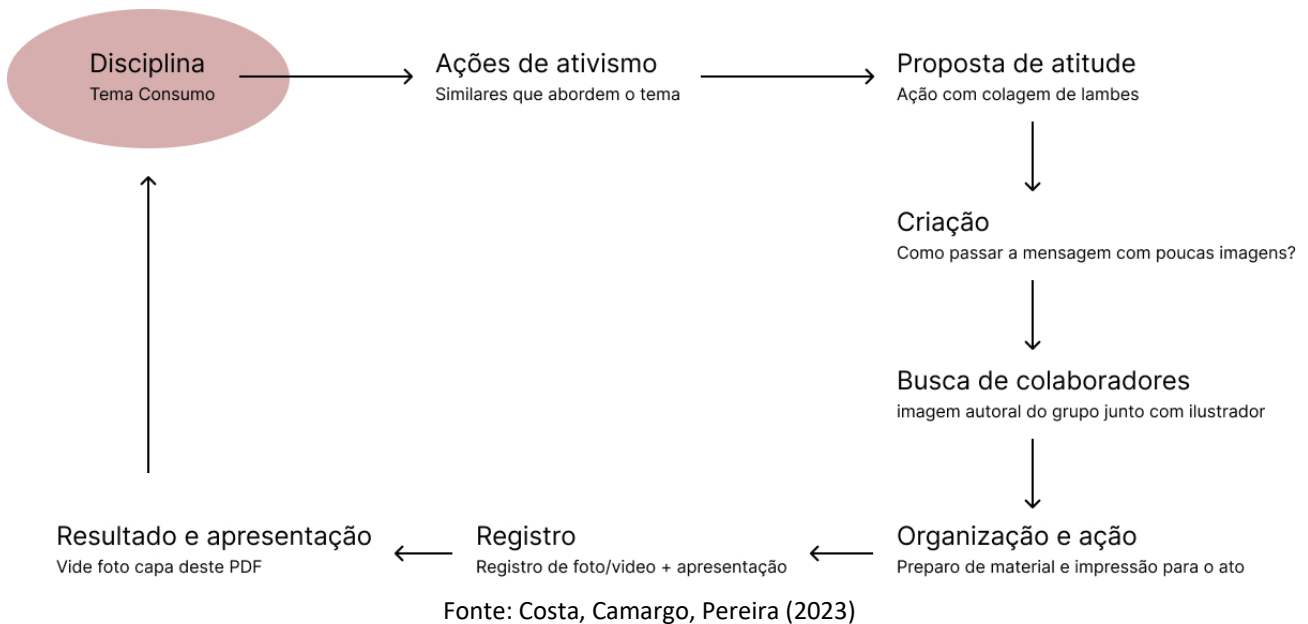
Fonte: Leme, Pacheco, Santana, Prazeres (2023)

Ao final da apresentação, o grupo expôs algumas de suas considerações a respeito da proposta desenvolvida. Em seus apontamentos, a equipe conseguiu situar a atividade dentro da temática proposta no objetivo da disciplina, bem como apontar que os artefatos visam não apenas resolver o problema, mas também gerar inquietação e curiosidade nas pessoas que visualizarem. Ainda, indicaram que há uma facilitação da comunicação, uma vez que a identidade visual definida por elas(es) está próxima à da utilizada para sinalização de trânsito, além de ser um projeto inserido em um contexto real, o que ajudaria a gerar aproximação com as pessoas que transitam naqueles espaços. Por fim, a fácil replicação e o baixo custo de produção também foram pontuados, além da possível ampliação do projeto por meio de uma pesquisa de público, utilizando a coleta de relatos pessoais para que pudessem atender mais demandas voltadas ao contexto urbano.

5.2 Uso Excessivo de Redes Sociais

O segundo grupo abordou o ODS 12. Consumo e produções responsáveis, tendo por foco principal o consumo excessivo das redes sociais. Novamente, a escolha da temática para abordagem dentro do ODS definido se deu por visões pessoais da equipe a respeito do consumo excessivo de conteúdo virtual no cotidiano, procurando desenvolver uma proposta que evidenciasse seus malefícios. Ao classificarem a ação proposta, a equipe elencou quatro das categorias de Thorpe: comunicação, artefato de protesto, exposição, e troca social. Na figura 6 a seguir é possível observar como a equipe sistematizou seu processo de desenvolvimento da ação em design ativismo.

Figura 6 – Representação gráfica de síntese do processo da ação – grupo Uso Excessivo de Redes Sociais



A construção da proposta se desenvolveu de forma próxima ao projetual, onde inicialmente as(os) discentes procuraram por ações de ativismo que abordassem um tema similar ao definido. A partir desta pesquisa, tomaram como proposta de atitude a produção e colagem de lambes. De forma a aproximarem-se no tema, o grupo utilizou-se da pesquisa de dados sobre o uso das redes sociais, tendo por foco a rede social Instagram e a percepção que seus usuários tinham sobre o próprio corpo. Ao optarem pelo uso de lambes como forma de intervenção, a etapa de criação do artefato se deu através de um processo colaborativo, onde a ilustração que faria parte da composição da peça foi produzida de forma autoral com uma ilustradora externa à disciplina. A ilustração foi inspirada em ilustrações disponíveis na internet e que criticavam a postura corporal adotada por usuários de celulares.

Para a aplicação da peça, o cartaz foi impresso em formato A3 e fixado com cola diluída. A escolha dos locais para a intervenção novamente se deram próximos à Universidade, evidenciando em algum grau as relações entre as(os) discentes e seus espaços de circulação e convívio social. O artefato aplicado foi composto através de uma “tirinha” estruturada em três cenas com o mesmo personagem, de modo a criar uma espécie de animação. A intencionalidade da equipe era que a composição aumentasse a possibilidade de interação com o artefato, onde quem passasse pelo local pudesse ver algo novo em seu trajeto. A intervenção realizada pelo grupo pode ser observada na figura 7 a seguir, onde percebe-se a crítica ao físico e mentalidade dos usuários das redes sociais.

Figura 7 – Intervenção realizada pelo grupo Uso Excessivo de Redes Sociais



Fonte: Costa, Camargo, Pereira (2023)

Em sua apresentação, a equipe fez algumas pontuações sobre as relações de adoecimento e posse de uma visão distorcida da aparência como o consumo excessivo das redes sociais, uma vez que, na visão delas(es), o modo de pensar que é introduzido nas pessoas através do uso das redes sociais influencia subjetividades e físicos. Também, foram discutidos os potenciais impactos que a intervenção teria na comunidade e a inserção de novos diálogos em círculos sociais que interagissem com o lambe desenvolvido.

Por fim, de modo a realizar também um fechamento da disciplina, abrimos uma roda de discussão com toda a turma a respeito das ações de design ativismo que foram produzidas e apresentadas, e as percepções de cada grupo sobre e os possíveis impactos do que foi realizado. Nesse momento, puderam ser partilhadas as percepções individuais de cada discente, as dificuldades ocorridas durante o percurso da disciplina, os aprendizados e visões sobre a temática. De maneira geral as(os) discentes apontaram que o formato e o tema da disciplina geraram curiosidade. Para algumas(alguns), gerou também estranhamento e até mesmo um certo desconforto. Estes apontaram que tiveram dificuldade em liberar-se de estruturas mais prescritivas e até mesmo de sentirem-se aptos a intervir e apropriar-se do espaço urbano, como se isso fosse uma transgressão. Para outras(os), já mais próximos do tema por suas vivências acadêmicas e pessoais, a disciplina foi acolhedora de alguns anseios por projetos e atividades com pontos de contato fora da sala de aula e até mesmo do contexto universitário. Todas(os) discentes participantes da disciplina afirmaram que as leituras iniciais, ainda que às vezes um pouco difíceis, devido ao pouco hábito de ler e fichar textos, foram muito esclarecedoras e fontes de aprendizado. Ademais, o espaço para as discussões sobre os textos em sala também foi visto positivamente pois, segundo elas(eles) há poucas disciplinas em que este formato é adotado.

5.3 Cruzamentos entre Design Ativismo e Educação: Discussão dos Resultados

Os resultados apresentados revelam alguns pontos que gostaríamos de discutir nesta seção. De modo geral, percebeu-se uma adesão às proposições da disciplina por parte dos discentes, uma vez que, a partir do objetivo da disciplina estabelecido pelas(os) docentes, as(os) discentes comprometeram-se integral e/ou parcialmente, na realização das atividades desenvolvidas. Contudo, como já apontamos anteriormente, devido a oferta da disciplina ocorrer no período contraturno, e por questões pessoais relativas ao cotidiano discente, apontamos um número reduzido de estudantes e a dedicação parcial em algumas atividades da disciplina como questões a serem consideradas.

No que concerne ao estabelecimento de um ambiente cooperativo entre discentes e docentes, há algumas questões pertinentes. Da mesma forma que Freire (1987) coloca, antes que o diálogo entre todas(os) possa acontecer no ambiente educacional, é necessário o estabelecimento de um conteúdo programático sistematizado e organizado para uso. A vista disso, ao estabelecermos previamente algumas possibilidades de caminhos a serem seguidos, como a bibliografia e atividades de campo e proposição de estratégias, entendemos que a reflexão e a prática se fizeram mais direcionadas. Permitindo também às(aos) discentes exercitarem um pensamento, visão e prática com criticidade.

Contudo, tal abordagem trouxe algumas limitações. Devido a forma de estruturação da matéria algumas ações não puderam ser dimensionadas, como a observação das possíveis interações com os artefatos produzidos por ambos os grupos. Algo que foi possível nas edições anteriores da disciplina, como comentado anteriormente. Do mesmo modo, a definição prévia dos ODS tangenciou algumas das abordagens que as(os) discentes tomariam no decorrer das aulas, e não deu abertura para uma decisão junto às(aos) estudantes sobre quais Eixos poderiam ser escolhidos. Entretanto, assim como hooks (2013) discorre a respeito de uma pedagogia engajada que procura fortalecer e capacitar as(os) alunas(os), compreendemos que tais abordagens, por mais que sejam limitadoras de um lado, por outro correspondem a uma visão e postura crítica docente que se utiliza das experiências de ensino-aprendizagem anteriores para balizar as próximas.

Em relação às atividades discentes, há também questões a serem discutidas. Primeiramente, a partir dos textos abordados em sala de aula (Thorpe, 2012; Fuad-Luke, 2009; Cardoso, 2012), pudemos mediar e construir junto às(aos) discentes compreensões não somente sobre abordagens, possibilidades e limitações do design ativismo, mas também visões de mundo sobre o nosso papel enquanto designers. Nesses momentos, abrimos (discentes e docentes) para uma discussão horizontal das proposições teóricas das referências utilizadas, possibilitando uma abertura da mente e do coração (hooks, 2013) para encararmos nossas realidades e quais formas de resistência são possíveis. Em um aprendizado e ensino mútuo, aflorou-se um desenvolvimento da criticidade e confrontações com as realidades em que cada uma(um) estava inserida(o).

No que concerne às realidades de cada discente, as vivências pessoais puderam ser visualizadas também na execução dos projetos da disciplina. A partir do que apresentamos anteriormente a respeito de tais trabalhos, percebemos como as temáticas e/ou intervenções estavam diretamente relacionadas aos locais onde elas(es) circulavam, e às experiências que vivenciavam neles. No caso do grupo do ODS 11. Cidades, algo que já apontamos foi como seus membros tinham contato com o uso da bicicleta para mobilidade urbana, e tal experiência foi possível de ser visualizada nas informações que seriam abordadas na sinalização positiva desenvolvida. Da mesma forma, tanto nesse grupo quanto no grupo do ODS 12. Consumo, notamos a escolha dos arredores da Universidade para aplicação do que foi desenvolvido. O que, ao

pensarmos a partir do que hooks e Freire propõem, poderia ser entendido como uma tentativa de realizar mudanças, ainda que pequenas, em seus contextos e compartilharem com seus colegas e amigas(os). Ao mesmo tempo em que sugerem uma autonomia em decidir realizar ações nos locais em que estão inseridas(os).

Ainda, é clara a utilização por parte discente de metodologias projetuais para a realização das proposições de cada grupo. Dessa forma, faz-se necessário salientarmos que a maioria das(os) estudantes já estavam nos semestres mais avançados de seus respectivos cursos, o que corroborou para que a definição de etapas do projeto fosse mais concisa. Ao observarmos tal ocorrência, é possível pensarmos em como, ao tratarmos de temas complexos dentro de sala de aula, aliando a reflexão e problematização das realidades em que habitamos com um fazer politizado no que tange ao projeto, o design pode ser utilizado para contestar e propor alternativas ao status quo. Assim, concordamos com Thorpe (2012) e Mazzarotto e Serpa (2022), que somente a partir de uma politização do fazer e do pensar do design, é possível que sejam produzidos artefatos e sistemas que possam, de alguma forma, intervir na realidade onde estão e gerar algum tipo de mudança.

6 Considerações

No presente artigo, buscamos relatar uma experiência didática realizada na disciplina optativa Temas Emergentes em Design – Design Ativismo, ocorrida durante o segundo semestre letivo de 2023 com alunas(os) dos cursos de Design de Produto e Artes Visuais da Universidade Federal do Paraná. A partir da apresentação dos projetos finais desenvolvidos para a disciplina, pudemos abordar os aspectos de reflexão e produção de tais atividades, as formas de estruturação e natureza das proposições realizadas. Além disso, procuramos, a partir dos resultados apresentados, discutir o que foi observado pensando em articulação entre design ativismo e educação emancipadora.

Entendemos a partir do que foi articulado, apresentado e discutido nas seções anteriores, que a disciplina demonstrou um bom aproveitamento, possibilitando que, tanto discentes quanto docentes pudessem refletir sobre as dimensões sociais e políticas que permeiam o design. Além disso, a partir das abordagens adotadas e comprometimento das(os) discentes, foi possível que intervenções voltadas ao bem-estar social fossem propostas e realizadas pelas(os) estudantes. Também, a realização da disciplina tendo por base o Design Ativismo, além da própria realização do presente relato de experiência didática, colabora para uma ampliação dos escopos de estudos deste campo emergente, que está em expansão no cenário nacional. Ainda que não tenhamos utilizado diretamente com as(os) estudantes a literatura sobre educação emancipadora que abordamos aqui (hooks, 2013; Freire, 1987; Mazzarotto e Serpa, 2022), entendemos que a proposição da disciplina e seus objetivos, e nosso exercício de refletir sobre seus resultados estão no cerne dessa estratégia educacional, nos permitindo a discussão e a problematização críticas de nossas abordagens pedagógicas.

Como anteriormente pontuamos, a estrutura da disciplina, diferentemente das edições anteriores, não permitiu que observássemos as possíveis interações e impactos das propostas. Logo, entendemos que, ao ter-se a possibilidade de oferta de novas turmas da disciplina, novas abordagens pedagógicas podem ser feitas para que haja a possibilidade de tal observação e diagnóstico. Em relação às limitações, pontuamos o baixo número de discentes, a realização da disciplina em contraturno, e até mesmo questões de baixa participação das(os) estudantes em algumas atividades, como leitura e discussões, ou na realização de práticas em campo.

Em suma, compreendemos que a experiência didática relatada no presente artigo possibilita pensarmos, em uma articulação entre design ativismo e educação libertadora, nas possibilidades de um processo de ensino-aprendizagem no design que procure além de questionar práticas opressoras, propor intervenções e melhores alternativas ao status quo. O uso de abordagens ativistas progressistas de design e que promovam a emancipação das pessoas envolvidas no processo abrem caminhos para abordagens de ensino no design que instiguem um pensar e fazer mais crítico. Compreendemos que a educação nesse cenário possui a possibilidade de contribuir para a formação de designers, e principalmente pessoas, conscientes de seus atos e como elas(es) podem subverter e propor alternativas cidadãs às lógicas de dominação.

7 Agradecimentos

Agradecemos às e aos discentes que, gentilmente, cederam seus projetos desenvolvidos e permitiram o uso e referência para a realização deste artigo. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

8 Referências

- CARDOSO, Rafael. Introdução: Do “mundo real” ao mundo complexo. In: _____ **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 9-12.
- DUBBERLY, Hugh. Why we should stop describing design as "problem-solving". IN: KAPLAN, Geoff (org). **After the Bauhaus, Before the Internet: A History of Graphic Design Pedagogy**. Cambridge: MIT Press, 2019. p. 274-288.
- FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, v.23, 2001.
- FREIRE, Paulo. **A dialogicidade - essência da educação como prática da liberdade**. IN: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. Não há docência sem discência. In: **Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FUAD-LUKE, Alastair. Past Lessons: A Short History of Design in Activist Mode, 1750–2000. IN _____ **Design activism: beautiful strangeness for a sustainable world**. London: Earthscan, 2009.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: Educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- MAZZAROTTO, Marco; SERPA, Bibiana. **Cartas (anti)dialogicas: politizando a práxis em Design através da pedagogia crítica de Paulo Freire**. Arcos (Rio de Janeiro): design, cultura, material e visualidade, v. 15, p. 171-194, 2022.
- MOURA, Mônica. **Design para o sensível: Políticas e Ação Social na Contemporaneidade (INCLUSÃO E INOVAÇÃO SOCIAL)**. Revista de Ensino em Artes, Moda e Design, v. 1, p. 44-67, 2018.
- ONU. **Objetivos do Desenvolvimento Sustentável**. In: Organização das Nações Unidas, 2015. Disponível em: <nacoesunidas.org/pos2015/>. Acesso em 13 mai. 2024.
- PRADO, Gheysa Caroline. **Design ativismo ou design ativista?** Estudos em Design, v. 29, n. 3, p. 52-65, 2021.

PRADO, Gheysa. **Ensino e prática de design ativismo com estudantes de bacharelado.** In: 10º Plural Design - Univille, 10., Joinville/SC, 2022. Anais do 10º Plural Design - Univille. Joinville/SC: UNIVILLE, 2022. p. 67-81.

SANTOS, Ester Sabino; MAASS, Marisa Cobbe. **Conexões entre design e educação para construção de consciência crítica.** In: 14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 14., Rio de Janeiro, 26 a 29 out. 2022. Anais do 14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. Rio de Janeiro: Blucher, 2022. p. 3138-3149.

THORPE, Ann. Picking up moves from social movements. IN_____. **Architecture & Design versus Consumerism: How Design Activism Confronts Growth.** Nova Iorque: Earthscan, 2012, p. 128-167.